

Dimitrj Zen
Ermano Rodrigues do Nascimento
Organizadores



MARIA MONTESSORI

COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO MORAL E FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

Dimitrj Zen
Ermano Rodrigues do Nascimento
Organizadores



MARIA MONTESSORI

COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO MORAL E FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

2024 – Editora Uniesmero

www.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadores

Dimitrij Zen

Ermano Rodrigues do Nascimento

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Montagem / Taft / Montessori Specialty School
(<https://www.stocktonusd.net/domain/1114>) / Uniesmero

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Me. Elaine Freitas Fernandes, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Me. Laurinaldo Félix Nascimento, Universidade Estácio de Sá, UNESA

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z54m	Zen, Dimitrij Maria Montessori: Compromisso com a Educação Moral e Formação Intelectual da Criança / Dimitrij Zen; Ermano Rodrigues do Nascimento (organizadores). – Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2024. 77 p. : il. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5492-057-5 DOI: 10.5281/zenodo.10823349 1. Maria Montessori. 2. Educação Moral. 3. Formação Intelectual da Criança. I. Nascimento, Ermano Rodrigues do. II. Título. CDD: 370.154 CDU: 37
------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Os conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniesmero.com.br
uniesmero@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniesmero.com.br/2024/03/maria-montessori-compromisso-com.html>



Organizadores

Dimitrij Zen

Ermano Rodrigues do Nascimento

MARIA MONTESSORI:

***COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO MORAL E
FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA***

TRABALHOS INÉDITOS NO BRASIL

PREFÁCIO

Conhecer (e também re-conhecer!) a figura, o método e a filosofia da educação de Maria Tecla Artemisia Montessori (1870-1952) é sempre uma ocasião propícia para inquietantes reflexões e desafiadoras inspirações nos campos da pedagogia e da didática, mas, também, de modo muito especial, no campo da ética. Haja vista, antes de qualquer outra coisa, que a vida de Maria de Montessori e a práxis educadora que constitui o seu desafiador método de ensino-aprendizagem estão fincadas em valores profundos e desafiantes.

De fato, o método montessoriano está alicerçado no jogo dinâmico dos valores éticos da organização, da centralidade da vida, da interação, da convivência e do respeito. O acento que a pedagogia montessoriana põe na organização, por exemplo, não é coisa que deva passar despercebida. Nesta opção de caminho educativo, organizar é tarefa primordial, condição indispensável, para tudo o que vem depois. Organizar é dispor, relacionar e formar bases claras para descobertas e invenções.

O mesmo se diga da centralidade que o método montessoriano dá à vida prática, cotidiana e intelectual. Ele parte da vida e conduz à vida. Parte da vida com seus

utensílios, ferramentas e desafios, provoca o processo educativo, estimula a produção do conhecimento e desperta a aventura da aprendizagem na direção da própria vida (prática, cotidiana e intelectual).

O intelectual meramente especulativo, nos salta logo à vista, não é momento primário na jornada da educação. O momento primário pertence à convivência dos indivíduos, com base no respeito e na interação, mesclando crescimento e cuidado. Razão pela qual o método de Montessori rejeita recompensas e elogios, preferindo valorizar a motivação robusta que brota da própria aprendizagem, não de fatores externos.

Dadas estas características tão bem acenadas no presente texto, sabendo que muitas outras ainda poderiam ser elencadas, parabenizamos a organização desta coletânea e, especialmente, as autoras e autores dos textos. A leitura desta coletânea, claro, não precisa ser dito, mas também não faz mal dizer, além de constituir um convite sério para ler e aplicar os textos de Montessori, proporciona um excelente exercício interpretativo do seu método à luz de desafios cruciais da atualidade. Sem dúvida, uma das coisas que ela mais queria.

José Marcos Gomes de Luna

Doutor em Filosofia, Coordenador do Curso de
Graduação e Professor do PPGFIL/UNICAP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
MARIA MONTESSORI: vida, método e obras	17
EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS: por uma moral sexual na educação infantil	25
SANTA MISSA EXPLICADA ÀS CRIANÇAS.....	47
A OBRA DA NATUREZA	53
O RITMO.....	65
REFERÊNCIAS.....	74
ORGANIZADORES	76

INTRODUÇÃO

Em alguns encontros com amigos brasileiros, cujo objetivo utópico era o de evidenciar figuras da cultura italiana, porque não dizer, utópico, seja pelas dimensões do território brasileiro bem como pela, sempre mais, reduzida capacidade econômica das instituições prepostas, porém, um nome sempre era citado, seja pelo valor intelectual como também pela grandeza moral: esse nome era o de Maria Montessori.

O nome de Maria Montessori é famoso mundialmente, mas os organizadores deste livro notaram como esse conhecimento é muito direcionado e exclusivamente voltado para o seu pensamento pedagógico, muito mais do que para as reflexões filosóficas e para as experiências que ela vivenciou num período histórico complicado como foi aquele da primeira metade do século XX.

As teorias pedagógicas montessorianas são amplamente conhecidas no Brasil, seus principais livros foram traduzidos e apresentados em muitas Edições, mas considerar Maria Montessori exclusivamente como uma pedagoga poderia resultar numa limitação, pois o foco seria só sobre esse

aspecto que, mesmo sendo genial, não é suficiente para fazer compreender a grandeza dessa pensadora sobre outras matérias, tais como a luta pelos direitos feministas, a filosofia da não violência e as reflexões sobre a fé católica.

Por tais motivos, os curadores desta iniciativa decidiram criar uma Antologia de textos de Maria Montessori, inéditos no Brasil, relativos ao âmbito intelectual e de pesquisas menos famosas.

A visão moral que direcionou cada escolha ético-existencial de Maria Montessori foi estruturada e produzida em toda a vida dessa extraordinária mulher.

Após concluir o curso de Medicina, Maria Montessori, foi a terceira mulher a obter tal diploma de estudos em toda a Itália, ela se especializou em Neuropsiquiatria infantil. Contemporaneamente, concluiu o curso de Filosofia.

Tendo elaborado o seu próprio método pedagógico com o qual trabalhou por vinte anos, então a partir daí criou, na Itália, as “*Case dei bambini*” (Casas das crianças), difundindo assim na Europa uma nova concepção progressista sobre essa matéria.

Em 1934, e devido a impossibilidade de implementar o próprio método pedagógico, vista a violência do fascismo e do nazismo, ideologias totalitárias que não aceitavam pedagogias alternativas àquelas impostas nas respectivas ditaduras, Maria Montessori fechou suas escolas na Itália, na

Áustria e na Alemanha, e refugiou-se sucessivamente na Espanha e depois na Holanda.

Como imprescindível ponto de partida, o método Montessori baseia-se na liberdade da criança manifestar a sua própria espontaneidade.

Segundo essa teoria, a verdadeira saúde consiste na “*liberação da alma*”, e nesse percurso de liberação da criança, o adulto deve intervir apenas para ajudá-la a conquistá-la.

Especificamente devem ser recriados os ambientes que possam ajudá-las a interagir com a vida cotidiana além de fornecer objetos pedagógicos criados para aumentar o desenvolvimento intelectual da própria criança.

A Pedagogia montessoriana é chamada Científica porque, para Maria Montessori, a cientificidade não pode ser separada de uma dimensão espiritual que ela considera essencial para orientar o ser humano rumo à civilização e o progresso ;uma dimensão que se enriquecerá através das suas viagens e de uma abertura para uma cultura internacional pacifista, na Índia, no encontro dela com a cultura teosófica e gandiana que representa a sua maturidade final.

A mesma interpretação progressista e liberal que deve ser a base da construção da mente da criança, associa-se à visão da liberdade da mulher como Maria Montessori propôs seja na sua vida pessoal como na atividade política e social de difusão das ideias feministas.

Ela, de fato, e como representante da Itália, participou de vários encontros europeus sobre os direitos das mulheres. No ano de 1899, por exemplo, foi a Londres para participar do Congresso Internacional para a Liberdade das Mulheres.

No seu discurso, ela apresentou uma específica reflexão que se baseava no fato que o Movimento feminista não deveria combater apenas o preconceito dos homens, mas também deveria superar outra batalha interna dirigida à elaboração da conscientização das mulheres sobre a própria capacidade de assumir responsabilidades sociais e políticas, e aqui eis um episódio que ilustra perfeitamente a determinação e o fascínio que Maria Montessori provocava nas pessoas que a escutavam: em Berlim, enquanto ela participava de um debate, do lado de fora, um grupo de mulheres socialistas protestava contra as posições excessivamente burguesas defendidas pelas congressistas.

Maria Montessori levantou-se e foi ao encontro desse grupo para explicar que as diferenças de classe não eram determinantes, mas o que era realmente importante era a luta pelos direitos de todas as mulheres.

À luz dessas considerações, pode-se afirmar que Maria Montessori foi um expoente daquele feminismo moderado que não procurava uma revolução graças a teorias políticas que, onde foram implantadas à força, causaram dezenas de milhões de mortos; mas ela representou o projeto de uma

“nova mulher” que pudesse ser esposa mas não mais submissa, mas uma companheira e colaboradora do homem em posição de paridade de direitos e deveres.

Este livro reúne materiais semi desconhecidos, produzidos pela Doutora Montessori antes da criação do método pedagógico, e também sucessivos a este.

O primeiro texto mostra a capacidade da Maria Montessori de antecipar temas quase revolucionários que serão elaborados exclusivamente na modernidade.

O texto aqui proposto, escrito no início dos anos de 1900, trata da educação sexual nas escolas, argumento não tratado por ninguém daquela época.

Maria Montessori, com extrema clareza e sem medo de abordar temas que, naqueles tempos, eram considerados impensáveis, analisa as várias questões que uma criança pode encontrar na própria vida familiar, relativamente à gravidez da sua mãe, da higiene pessoal etc.

No caso do segundo texto apresentado nesta obra, foi escolhido um pequeno artigo, também escrito por ela no início dos anos de 1900, que representa a suma da percepção montessoriana, no tocante à fé e à espiritualidade, que devem, na sua visão filosófica, serem unidas à visão científico-progressista, obrigatoriamente no *modus operandi* e na forma *mentis* de uma cientista.

O texto “A Santa Missa explicada às crianças”, num período histórico em que a mesma era celebrada em latim, língua que era estudada e conhecida por apenas 2% da população, foi uma tentativa magistral de aproximação da doutrina católica com a população italiana não alfabetizada.

Além do mais, e no tocante especificamente às crianças, ela pretende enfatizar o lado acolhedor da religião católica, além de sublinhar como uma criança pode compreender os significados intrínsecos de uma série de ritos e momentos simbólicos complexos que fazem parte da Santa Missa no rito católico.

Os terceiro e quarto textos, foram todos escritos num momento histórico, isto é, logo após o fim da II Guerra Mundial, quando, encerrados os tenebrosos tempos do fascismo e do nazismo, a Europa voltava a viver na democracia.

Naquele período a Montessori, que havia se refugiado na Holanda, viajou para a Índia, a convite da Sociedade de Teosofia.

Nota-se, nos textos aqui apresentados, uma profunda reflexão sobre o destino da humanidade e os instrumentos utilizados por Maria Montessori, que são a Ciência e a Moral.

Na leitura desses breves ensaios, nota-se a tentativa da Montessori de observar a 360 graus, a sociedade e os seres humanos que a constituem em seus aspectos filosóficos e

MARIA MONTESSORI:
COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO MORAL E FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

sociológicos, sublinhando algumas disciplinas científicas em particular, e sucessivamente a aplicação dessas reflexões na criação de teorias pedagógica e pragmaticamente úteis ao desenvolvimento das crianças, vistas como futuros cidadãos de um Estado Democrático.

MARIA MONTESSORI: vida, método e obras

A italiana Maria Montessori é a criadora do *Método Educacional Montessori*, inserido no sistema pedagógico no início do século XX e que ainda hoje é adotado por milhares de creches, escolas primárias e secundárias, em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Em vida, desenvolveu uma série de articuladas atividades, isto é, a de médica neuropsiquiatra infantil, educadora, cientista e filósofa. Seus pais lhe transmitiram uma educação liberal, mas fundamental foi para ela o exemplo de ética e de rigor existencial a vida do tio materno Antonio Stoppani, que foi Abade de um mosteiro dos rosminianos na Itália. Um cientista e um patriota italiano que procurava demonstrar a possível coexistência entre a fé e a ciência, além de nutrir um profundo amor pelo desenvolvimento sócio-cultural da Itália naquele período histórico.

Maria Montessori filha de Alessandro Montessori e de Renilde Stoppani, nasceu em Chiaravalle, em 31 de agosto de 1870 e faleceu em 06 de maio de 1952, a poucos quilômetros

de Ancona (Marche), na Itália. Filha única de uma família culta, seu pai, Alessandro Montessori, era funcionário público e sua mãe, Renilde Stoppani, professora primária. Pela parte materna, Maria Montessori era sobrinha de Antonio Stoppani, que foi abade de um mosteiro dos rosminianos na Itália, e naturalista, autor do livro "*Il Bel Paese*", que para ela era uma referência cultural. Um cientista e um patriota italiano que procurava demonstrar a possível coexistência entre a fé e a ciência, além de nutrir um profundo amor pelo desenvolvimento sócio-cultural da Itália naquele período histórico.

Para seguir o pai, a família transfere-se primeiro para Florença e depois para Roma, que recentemente se tornara a capital da Itália. Em vida, desenvolveu uma série de articuladas atividades, isto é, a de médica neuropsiquiatra infantil, educadora, cientista e filósofa. Seus pais lhe transmitiram uma educação liberal, mas fundamental foi para ela o exemplo de ética e de rigor existencial a vida do tio materno Antonio Stoppani, que foi Abade de um mosteiro dos rosminianos na Itália. Um cientista e um patriota italiano que procurava demonstrar a possível coexistência entre a fé e a ciência, além de nutrir um profundo amor pelo desenvolvimento sócio-cultural da Itália naquele período histórico.

Vivaz e inteligente, desde criança Maria Montessori mostrou interesse pelas artes e pelo teatro. Logo ela descobre que tem talento para a matemática e pensa em uma carreira científica. Finalmente, superando muitos obstáculos, matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade La Sapienza, em Roma. Em 1896 ela torna-se uma das primeiras mulheres na Itália a se formar em Medicina, com uma tese experimental em neuropsiquiatria intitulada "*Contribuição clínica para o estudo das alucinações de conteúdo antagônico*". Posteriormente, forma-se também em pediatria, no Hospital Infantil de Roma.

O filho Mário

Nos primeiros anos após a formatura, sua vida está em pleno andamento: ganha bolsas e prêmios e acaba trabalhando com Giuseppe Ferruccio Montesano, um dos fundadores da neuropsiquiatria infantil italiana, que se torna seu parceiro. Juntos, os dois trabalham na clínica psiquiátrica da Universidade de Roma, onde se dedicam à recuperação de crianças com problemas mentais, os chamados "*anormais*".

Maria e Giuseppe tornam-se um casal e em 31 de março de 1898, aos 28 anos, ela dá à luz seu único filho a quem chama de Mário. Não é um evento feliz: os dois não se casam e Maria Montessori confia o bebê a uma enfermeira e depois

a uma família. Frequentemente vai visitá-lo, mas sempre anonimamente. Quatorze anos depois, Maria o tira do internato e o leva consigo, apresentando-o como seu sobrinho e restabelecendo um vínculo que parecia perdido.

As origens do método educacional

O Método Montessori tem raízes profundas na vida e nas experiências realizadas pela cientista. Primeiro o trabalho com crianças "*anormais*", depois a inspiração derivada do trabalho de Jean-Marc-Gaspard Itard e Edouard Séguin sobre a possibilidade de inserção na comunidade dessas crianças, com um percurso educativo adequado.

Sua intuição era que o problema das crianças neurastênicas não se originava de fatores médicos, mas pedagógicos. A abordagem, feita por Itard e Séguin, era científica e baseada na observação e experimentação.

Assim, em 1898 ela apresenta os resultados de suas primeiras pesquisas com crianças "*anormais*": graças ao seu método, elas conseguiram passar no exame público escolar normal. Seus estudos tiveram grande sucesso e se transformaram em uma série de palestras. Quando a médica se torna diretora da Escola Ortofrênica, que antes era o asilo para crianças, ela tem a oportunidade de refinar sua abordagem.

A primeira Casa dei Bambini

Terminado o trabalho com as crianças problemáticas, o interesse de Montessori passa a abranger todas as outras. De acordo com seu pensamento, a escola educa a criança de forma incorreta, estimulando apenas superficialmente suas habilidades intelectuais.

Em 1907, a educadora começa a experimentar o método com crianças "*normais*", pela primeira vez, em uma pequena creche em Roma dedicada a crianças da classe trabalhadora, com idades entre dois e cinco anos. Assim começa a aventura da "*Casa dei Bambini*", no bairro de San Lorenzo, onde os pequenos ficavam de manhã à noite, incluindo as refeições, porque os pais trabalhavam.

No início, as crianças não estavam felizes. Foi então que Montessori começou a ensinar os mais velhos a cuidar da casa e a ajudar a professora nas tarefas diárias. Ele então introduziu materiais, quebra-cabeças e exercícios de manipulação.

Os resultados foram surpreendentes: as crianças se sentiram atraídas pelas atividades que ela introduziu e sempre mostraram melhor capacidade de concentração e construção. Com o tempo, a educadora acrescentou exercícios do cotidiano, como limpar e vestir-se ou cuidar da horta: aos três e quatro anos as crianças já se interessavam em aprender essas atividades. E quanto mais independentes

elas se tornavam, mais sua autoestima aumentava e os problemas de disciplina desapareciam por conta própria.

Embora fossem pequenas para ir à escola, as crianças expressavam o desejo de aprender a ler e contar. Em seguida, a médica criou para eles uma série de materiais de desenvolvimento com os quais as crianças de quatro e cinco anos aprenderam rapidamente a ler e escrever, mas também a somar, subtrair, multiplicar e dividir.

Suas conquistas foram aclamadas em todo o mundo científico e foi assim que as “*Casa dei Bambini*” se multiplicaram.

A marginalização de Maria Montessori

É com o embate entre Maria Montessori e Benito Mussolini que o método educacional experimentará um período de declínio. Em 1934, foi ordenado o fechamento de todas as escolas Montessori na Itália, assim na Alemanha e na Áustria. Foi então que a médica decidiu fugir com o filho Mário e se mudou para Amsterdã. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, ela estava na Índia para ministrar um curso: foi presa pelos britânicos, que, no entanto, permitiram que ela continuasse seu trabalho pedagógico.

Após a guerra, a médica voltou para a Europa e em 1947 para a Itália, onde foi recebida no Parlamento. As escolas

Montessori reabriram em todo o mundo e ela foi indicada três vezes ao Prêmio Nobel, mas nunca o ganhou. Ela morreu em 6 de maio de 1952, na Holanda, com 81 anos.

Maria Montessori: o método

O método educacional idealizado por Montessori deriva de uma série de experimentos e aprimoramentos feitos por ela, ao longo do tempo, e é fundamentado na crença de que a criança deve ser deixada livre para seguir seus instintos, indo buscar a atividade e o trabalho de que necessita, de acordo com seu estágio de desenvolvimento.

Os pais que praticam homeschooling são frequentemente inspirados por esta abordagem educacional.

Dessa forma, a criança desenvolve suas habilidades psíquicas e intelectuais de acordo com seus ritmos individuais e com prazer, sem recorrer a recompensas ou punições.

Nas “*Casa dei Bambini*” (dos 3 aos 6 anos), tudo isto se traduz na 'liberdade de fazer', explorar e movimentar-se, o que não se transforma, no entanto, em caos porque imperam a ordem, o respeito e a autodisciplina.

Em particular, o método enfatiza as atividades sensoriais e motoras da criança, que devem ser desenvolvidas por meio de “Exercícios de Vida Prática” (vestir-se, lavar-se, comer etc.) e material didático cientificamente organizado. Cada criança é

livre para escolher a que se dedicar seguindo seus próprios ritmos, sem ser forçada pelo adulto.

Tudo é pensado para estimular o interesse dos aprendizes em todas as áreas do conhecimento, desde as atividades da vida prática até as mais abstratas, como álgebra e geometria. O material educativo acompanha a criança na descoberta de algo novo, ajudando-a a desenvolver a autocorreção do erro e a concentração.

EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS: por uma moral sexual na educação infantil

A moral sexual na educação infantil, parece ser novo e árduo, pois sempre foi e é um grande desafio na sociedade atual, diante dos moralismos, tabus existentes na realidade atual. Por isso, parece quase que precisa ter coragem para enfrentá-lo, mas na verdade ele não é novo, há muito tempo que brota na consciência individual de muitos homens; aliás, existem fenômenos capazes de demonstrar que já começou uma conscientização nacional sobre a necessidade de considerar a educação em relação à vida sexual, como uma questão de interesse público.

O Ministro da Educação Pública da Prússia divulgou uma circular a todas as escolas do Reino, para ser conhecida, também para orientar como deve ser transmitida a educação sexual aos alunos, assim como nas relações de ética conexos, como em relação às normas profiláticas na vida sexual fisiológica e nas doenças sexualmente transmissíveis.

Outras manifestações práticas nós já tivemos na Itália, onde nas escolas pedagógicas universitárias, destinadas a divulgarem instruções aos educadores do povo, foi introduzido o ensino da antropologia pedagógica, que pode, na base, ser considerada como *a ciência da higiene e da moral sexual*.

De fato, os estudantes são iniciados a conhecer sobre suas origens, para saber se os indivíduos foram gerados normalmente ou se na gênese deles aconteceram causas patológicas ou degenerativas.

Escola impressionante: porque ali se vêm juntos seres infantis, os quais, por si sós, representaria a inocência e que também sofrem dores, fraquezas, degradações.

Não são apenas as grandes culpas sociais que aparecem como a causa do nascimento de seres humanos inferiores, mas também as pequenas culpas, simples erros, tudo aquilo que o homem faz com que não seja perfeito: tudo fica marcado na espécie, assim como ficam marcados todos os triunfos na nossa força. A degradação, assim como a beleza completa, e a potencialidade psíquica da nossa posteridade, está conectada à vida prática, à vida moral que nós sabemos conduzir.

Dizem os religiosos que Deus identifica na eternidade todas as culpas grandes e pequenas que nós deveremos expiar e identifica também todas as grandes e as pequenas virtudes, pelas quais seremos compensados.

Pois bem, eis a vida eterna, o grande livro onde estão anotadas todas as nossas obras e a nossa posteridade.

A “Antropologia Pedagógica” ainda hoje trata do homem médio: o grande progresso da biometria que se desenvolveu nos últimos tempos, especialmente na Inglaterra, como também na Itália, graças ao empenho de ilustres cientistas, permitiu reconstruir sob leis matemáticas o homem o qual fosse eventualmente procriado num ambiente sem culpa, segundo a natureza pura sem pecado.

Entretanto, as medidas, as proporções estabelecidas, correspondem precisamente àquelas que a arte grega imortalizou nas suas estátuas.

Nós poderíamos, portanto, nos transformarmos em grandes artistas no mundo futuro, modeladores de belezas humanas perfeitas: não em mármore, mas em carne viva. E esse tipo de homem médio tendo sido desenvolvido num ambiente puro, seria também perfeito no ânimo, e constituiria quase o ideal da ética sexual, o símbolo do aperfeiçoamento da nossa espécie, o tipo ideal que todos temos que olhar para poder, nos tempos indefinidos, imitá-lo e alcançá-lo.

Quando se desenvolvem essas lições, no alunado, manifesta-se um interesse especial: o professor desaparece, assim como quase desaparece o próprio conteúdo científico, diante do nascimento da consciência naqueles que ouvem, a qual ressurgem numa responsabilidade para a espécie nunca

antes vista; e em um sentimento de horror voltado para a superficialidade com a qual a humanidade caminha no tocante a esta grande responsabilidade.

Tal impressão nos diz que o espírito dos jovens está maduro e que alguma coisa de muito grande aconteceu no fundo das almas humanas.

Desse modo, muitas manifestações nacionais e individuais nos revelam muito claramente que a sociedade civil sente como necessária uma moralidade nova, portanto, uma nova educação.

É notório que, sobre a eficácia da ação educativa, existem duas teorias que se opõem uma à outra: uma admite a educação onipotente que transforma o indivíduo; a outra nega tal potência transformadora.

Com efeito, a educação pode aperfeiçoar e guiar, mas não transformar o indivíduo desenvolvido: qual educação poderia transformar um imbecil numa pessoa inteligente, um homem normal e útil num louco moral?

Um indivíduo é substancialmente determinado na sua personalidade, desde a concepção daquela célula ovo invisível, microscópica, mas que contém todo o indivíduo.

Suponhamos o caso de um homem bêbado que nesse estado de embriaguez fecunde e depois fuja, esquecendo a mãe e a criança; ele terá dado na matéria uma célula infinitesimal, num segundo que foi suficiente para dar à

humanidade um indivíduo criminoso ou um epiléptico, aos quais a educação pouco poderá contribuir.

Parecerá um paradoxo, mas a educação é realmente onipotente quando age em favor daqueles que ainda não existem, quando se coloca soberana a dirigir o futuro biológico da espécie.

Assim, nós não podemos conceber nada de mais espiritual, de maior elevação, que essa contemplação dos seres que ainda não nasceram e para os quais queremos propor uma difícil vida de força, de aperfeiçoamento de virtude.

Muito temos que esperar dos benefícios da educação na moral sexual: mas como ministrá-la, na prática?

Eis uma questão muito vasta e que é bem difícil de tratar e que me proponho de delinear sob a forma de parábola.

Escolho algumas parábolas atribuídas a mulheres ilustres, as quais nos deixaram eloquentes sínteses que resumem em modo simples, porém profundamente eficaz, esta outra questão: de modo especial para o que se refere à obra materna na educação dos filhos.

Madame de Héricourt, uma feminista à antiga maneira, no seu livro "*La femme affranchie*", expõe um "credo" sobre o qual todas as mulheres deveriam meditar.

Nele escreve, assim ela se dirige às mães: "Vocês repreendem a criança: - não digam mentiras, porque isso é

uma coisa indigna de uma pessoa que se respeite. – Não roube!

Você gostaria que roubassem alguma coisa sua?

Essa é uma ação desonesta – Não oprima o companheiro que você sabe que é mais fraco do que você, não seja grosseiro com ele, essa é uma atitude covarde.

Excelentes princípios. Mas quando a criança cresce e é um adolescente, a mãe diz: “É preciso que um jovem se desafogue” e desafogar-se significa ser adúltero, praticar a sedução, frequentar bordéis.

Onde está aquela mãe que dizia ao filho: “não minta”, a mesma que agora permite ao homem de trair uma mulher?

É aquela que ensinava a criança a não roubar um brinquedo, que agora acha lícito que o seu filho roube a vida, a honra de uma mulher como ela?

É aquela que recomendava não oprimir os mais fracos que agora permite que seja oprimido um ser humano que a sociedade o transformou em escravo!

Mas vocês não percebem – acrescenta Madame d’Hericourt – que vocês não são solidárias nem com a mulher e nem com o homem, pois permitem essas atitudes baixas.

“Vocês são solidárias apenas para o fato degradante que subjuga toda a humanidade!”.

Essa mãe, que se contradiz tão profundamente, é uma escrava.

A escravidão sexual não é apenas aquela a que somos habituados a constatar, não é apenas aquela da mulher perdida que desejamos salvar: sempre que uma forma horrenda de escravidão faz parte de uma forma de civilização toda a humanidade abrangida sofre as consequências e é escrava com ela.

Assim, hoje, é escrava aquela mãe que não pode mais orientar seu filho, aquele que ela cuidou na gentileza moral com toda paixão do seu coração: é escrava quando aquele filho lhe é tomado para ir talvez de encontro à morte ou na perda da saúde física e cair na degradação moral, enquanto ela nada pode fazer senão olhar para ele silenciosamente.

Ela diz, para desculpar-se, que a dignidade e a alta sinceridade não permitem a uma mãe de acompanhar o filho nesse caminho. “Mas vocês não percebem – exclama Madame d’Héricourt – que seria apenas digna e pura aquela mulher capaz de educar um filho que nada tivesse de chocante para confessar a sua mãe?”

“Ela não pode, a título de invocar desculpa, recorrer à dignidade, porque nesse caso, ao contrário, trata-se da aniquilação da mãe!”.

Na Antiguidade há vários casos de mães grandiosas: um exemplo de mãe é, para nós, Vetúria, aquela mulher forte que atravessa os muros da cidade e as fronteiras do inimigo, para enfrentar um filho poderoso.

Ela vai ao encontro do filho, chefe de exércitos, para lhe perguntar se ele é um traidor da Pátria.

E o grande chefe e guerreiro vitorioso, diante da advertência da mãe, sacrifica a palavra dada e a própria vida.

A verdadeira mãe deveria ser, nos nossos tempos, semelhante a essa: deveria poder superar as muralhas dos tabus e as fronteiras da escravidão e ter tanta dignidade ao ponto de poder pegar o braço do filho e lhe dizer: “Filho, tu não serás um traidor da humanidade!”.

Mas, para chegar a esse ponto a mãe deve transformar-se, não pode mais ser onipotente e grandiosa figura de mulher de hoje, que é uma simples tutora da criança ou, como se costuma dizer, educadora dela.

Quem educa deve procurar ser, dentro do possível, similar ao educando: eis, de fato, a mãe de hoje que, limitada ao dever de educar o filho, fica reduzida a essa mesma criança, que ignora a vida e as lutas infantis, diminuída no pensamento e na consciência.

Mas a mulher que quer acompanhar o homem e ser mãe do homem, deve tornar-se viril e ser também uma lutadora do ambiente social: deve possuir a sapiência que nasce da experiência pessoal, mesmo que dolorosa: mas é a sua experiência que a transformará na protetora e salvadora do filho e amiga fiel do homem.

Tomo uma outra parábola dos escritos de uma ilustre mulher, que escreve sob o nome de Nelly, e é considerada como uma das mais brilhantes e fortes educadoras da Bélgica: ela compôs um pequeno conto para crianças tão eloquentes ao ponto de constituir uma grande síntese do dever da educação materna, no tocante às verdades sexuais a serem reveladas às crianças.

O filhinho pergunta à mamãe: “Mãe, de onde vêm as crianças?” A mãe responde: “São trazidas pela cegonha”. “E a cegonha onde as encontra?”, “As encontra num poço”.

E, nesse sentido, conta uma história. No dia seguinte a criança vai à escola e a professora conta história comovente de um ninho de cegonhas que pegou fogo e a mãe, não conseguindo salvar os filhotes, prefere morrer queimada junto com eles.

A criança protesta: “Como é possível que a cegonha não consiga salvar os próprios filhotes se ela carrega as crianças?”

Acontece uma risada geral; mas a criança grita: “Mas é verdade, minha mãe me contou!”. E aí começa a fraquejar aquela fé cega que tinha em sua mãe, e ao voltar para casa pergunta: “Por que você mentiu e a turma toda riu de mim?”

A mãe poderia aproveitar esse momento para revelar o segredo mas não o faz e diz: “Não me amole!”. A criança volta à escola cheio de curiosidade: os seus colegas o informam bem detalhadamente, e mais do que aquilo que teria sido

decente e necessário para uma criança, se transforma em dúvida sobre aquela mãe que o enganou mantendo-o numa nuvem de impureza e assim ergue-se uma espécie de barreira entre esses dois seres bons e feitos para se ajudar um ao outro.

Uma outra criança pergunta a mesma coisa a sua mãe. A mãe, que já tinha combinado com o marido, explica: “Meu filho, assim como as frutas doces amadurecem nas árvores, assim o filho amadurece no corpo da sua mãe”. “Sim, mas e depois, como é que ele sai de dentro dela?” “Mas quando a criança amadurece ao ponto que possa viver separadamente da mãe, ela abre-se e a criança sai de seu corpo”.

Diz a criança: “Mas ela deve sentir uma grande dor!”

“Sim, filho querido, uma grande dor: mas quando a mãe vê o seu pequeno, sente um carinho e uma doçura tão forte, que esquece todas dores que sentiu!”.

A criança compreende, fica aflita, e à noite antes de ir dormir pensa em tudo aquilo e diz à mãe: “Deixe que te beije, deixe que lhe console”, e aquela que ele já amava, se transformou numa pessoa venerável.

Ele se confidenciou sempre com sua mãe, confiou sempre nela porque ela lhe revelou a verdade e nunca precisou de pedir explicações a ninguém: “Assim, milagrosamente, ele escapou da corrupção do ambiente”.

Ora, essa eloquente narrativa de Nelly poderia levar a uma reflexão: a mãe conversou com o marido e trocou ideias sobre um fato tão simples?

Mas nos países católicos as crianças têm como oração pela pureza aquela que exalta a maternidade, e a faz repetir: “Bendito é o fruto do Teu Ventre !”.

E desse, não somente é revelado o segredo, mas ele é repetido pela manhã e à noite como a sublime poesia da pureza.

Portanto, não é o fato em si que preocupa; existe uma espécie de proibição para a mulher, até mesmo para uma mãe, de tratar, de qualquer maneira, da questão sexual.

E essa falsa pureza é o que forma a escravidão moral. Para entender como possa ter sido usado esse mal entendido sobre o pudor, assim interpretado, ocorre refletir e ilustrar um princípio que também requereria tempo e muitas palavras para ser completamente desenvolvido: e que, mais que demonstrar, precisa limitar-se a enunciar.

Trata-se de um fenômeno da psicologia da sociedade e também do indivíduo humano, fenômeno para o qual o indivíduo primitivo na idade, no progresso social, se detém mais nas pequenas coisas do que nas grandes, mais no sentido material do que no espiritual, de onde decorre uma fatal confusão do meio com o fim.

Fatal confusão, ou se preferirmos, fatal pecado; pecado de origem, do qual o homem perde a visão de tudo o que é grandioso.

O conceito da espécie pode bem ilustrar esta ideia: a criação dos seres vivos, a vida eternizada na sua maravilhosa variedade, eis a grandeza, eis o fim; a concepção, a célula da concepção, uma parte ínfima, o nada, eis o meio.

Quem perde a finalidade e si prende ao meio, se diminui, e necessariamente, se degrada. Este pecado original é verdadeiramente um pecado de interpretação de ciência: não é um pecado sexual, ele pode ser aplicado a tudo, mas particularmente, à alimentação, com muita analogia e tudo o que acontece na vida sexual.

Neste ponto também, em tempos passados, o homem confundiu o meio, a gula, com o fim, com a nutrição e sobrevivência do indivíduo.

Conceito esse muito elevado da nutrição; a vida está nisso que a matéria continuamente foge de nós e se renova.

E se poderia dizer: se a matéria foge continuamente, o que é o homem? O que são as criaturas vivas?

Essa matéria, mesmo fugindo, é eterna, como eterna é a vida: de modo que parece que a natureza represente um beijo, renovando-se a cada segundo, de duas eternidades, esta é a matéria da vida.

Quão espiritual, quão grandioso e poético! E o homem confunde isso com o prazer do gosto quando come, confunde a nutrição da vida com o alimento do vício, e aí acontece o que o caracterizou em alguns séculos passados. De um lado a depravação, o jogar-se sem freios nesses prazeres da gula, e do outro os jejuadores do deserto; os quais queriam advertir os depravados com o exemplo da própria abstinência.

E no perdurar dessa situação, não se devia falar de alimentação, pois era um assunto vulgar.

Os poetas, particularmente, tratavam de assuntos elevados; e não deviam nunca falar sobre comidas, para, assim, manter altas as coisas do espírito.

Uma mulher jovem, querendo mostrar-se atraente, procurava passar a mensagem de quem não valorizava o fato de ser uma criatura que também se alimentava.

Parecia que a humanidade se envergonhasse desse ato sublime da nutrição; e na verdade, tinha razão para envergonhar-se!

Envergonhava-se daquele pecado original, daquela confusão que havia feito do meio com o fim, e sofria com o pudor. Quando finalmente a ciência conseguiu colocar nos seus devidos lugares os verdadeiros limites da questão, então o ambiente se transformou completamente; todos os indivíduos, hoje, devem comer tanto quanto baste para manter uma vida sadia; não se trata de comer até sofrer uma

indigestão, sabe-se que os banquetes dos ricos devem ser elegantes, os alimentos devem ser bons, mas limitados; e ao mesmo tempo, vale um grande princípio: “que todos os homens, indistintamente, têm o direito de nutrir-se de maneira suficiente e adequada”, para manter a saúde.

Atualmente os jejuadores não são vistos como virtuosos: quem jejua por jejuar, hoje é visto como os admiradores do Sushi.

Não; não são mais virtuosos aqueles que fazem grande sacrifício para jejuar para que isso os salve da depravação que hoje nem mais existe, pois hoje conhecemos uma só virtude: nos mantermos sadios e fortes para poder, com essa saúde e força e inteligência que delas derivam, trabalhar para o aperfeiçoamento da humanidade.

Pois bem, algo de similar pode-se repetir para a vida sexual.

Em relação a esse fato, nós hoje estamos no tempo dos devassos, estamos em plena época do pecado original, na grande confusão entre o meio e o fim; e tudo isso nos mostram os erros sociais que ficam claros na sedução, na prostituição, na inconsciência em relação aos direitos da espécie, no desprezo com o qual, às vezes, podem ser envolvidos a maternidade e o fruto dela.

Colocada nos justos limites, também nessa questão deveria acontecer algo análogo ao que aconteceu na

transformação do conceito da alimentação: deveriam desaparecer todos os erros, e então não seria mais admirável, aquela virgindade inconsciente, que não tem outra virtude senão a de ser em si mesma.

Não será apenas a virgindade a formar a virtude dos homens, mas o heroísmo do indivíduo que luta para ser livre da sua vida, para ser puro diante de si mesmo, para que a sua personalidade exaltada possa cumprir alguma grande missão sobre a sociedade inteira.

Devemos reconquistar as nossas forças, o nosso tempo; devemos reconquistá-los numa liberdade virtuosa e pura, que eleve toda a civilização a um degrau mais elevado.

Então não sentiremos o pudor como o sentimos hoje; hoje sentimos vergonha e temos razão, ninguém poderia dizer que ela seja injustificada!

Mas temos que nos envergonhar de termos tão brutalmente e com tanta culpa trocado o meio com o fim, porque não é a coisa em si que pode nos envergonhar!

Quem crê em Deus Todo Poderoso, qual blasfêmia poderia pronunciar contra o seu Deus, senão a dele ter criado coisas das quais o mero aceno faz qualquer um ruborizar?

Devemos nos envergonhar disso e ruborizar da sua alma para depurar o mundo desse pecado.

Ora, este conceito deve guiar os princípios da nossa educação moral e sexual. A finalidade profunda e suprema

deve ser aquela de afastar a atenção dos novos homens que se formam, de afastá-los do meio para concentrá-los na grandiosidade do fim; para consertar e proteger indivíduos do perigo da decadência; circundar a criança com um esplendor grandioso daquela finalidade admirável que conduz à criação e à eternidade da vida, e que esta nunca deva sentir-se tocar e ferir por tudo o que se refere à vida.

Que, se nós não tivéssemos esse conceito, e acreditássemos que a educação sexual das crianças e nos adolescentes devesse limitar-se a ensinar algumas regras que se referem ao meio deste grande fim, nós seríamos corruptores e imorais.

Para uma obra de tanta importância devem colaborar, juntas, as mães e a escola: porque não se trata apenas de um interesse de dignidade e religiosidade da família, mas de um interesse de utilidade humana e social, aliás, de utilidade supra social; porque se projeta muito mais adiante do ambiente, rumo ao aperfeiçoamento das gerações futuras.

A mãe poderia ter como tarefa o dever de ilustrar os conceitos, santificando-os na família, por meio dos doces e afetuosos cuidados da casa, tudo aquilo que é de dever, de modo simples, que permitam ser explicados às crianças de modo a levá-las à grande finalidade.

Por exemplo, para a revelação dos fenômenos da maternidade, não há necessidade da parábola de Nelly,

bastaria que a criança visse a sua mãe gestante, que ela mesma não se amamentasse, para definir de modo absoluto este seu estado, mas deixasse que a criança o percebesse.

Quantas vezes acontece que a criancinha permanece num estado quase de deliciosa êxtase diante do corpo da mãe gestante e procure sentir, com suas pequeninas mãos, os movimentos daquele que será seu irmão menor, mais frágil do que ele, com o qual dividirá a infância e os carinhos de sua mãe; daquele individuo em relação ao qual desenvolverá um sentido de alta dignidade que é o de proteger.

Nada mais educativo do que esta verdade revelada no modo mais natural e mais sagrado possível.

Aqui se poderia limitar a educação materna: e para a escola, fica reservado o grande problema de passar a ideia grandiosa da finalidade da criação, com método, com estudo e com ciência, no modo conforme à sua finalidade.

E isso cabe à escola: não porque à mãe lhe seja impedido, mas porque quando dizemos mãe devemos entender não apenas as mães burguesas, mas todas as mães.

Existem as mães proletárias, as quais não poderão nunca fazer mais ou melhor do que apresentar a seus filhos a própria vida, como exemplo.

Ora, tratar-se-ia portanto, de desenvolver um novo programa nas escolas: seria pretencioso projetá-lo de modo definido; como seria pretencioso querer prever tudo o que

precisaria fazer para alcançar o objetivo de enaltecer e de purificar a vida da espécie.

Nas grandes transformações sociais são os acontecimentos que ensinam, e mais ainda aqui, deverão ser os acontecimentos: este será o modo pelo qual a humanidade resolverá por si mesma o maior problema humano e social: aquele que provém do tornar-se espécie e do aperfeiçoamento da espécie.

Enquanto isso, podemos pensar num programa que nos sirva como guia para podermos juntos empreendermos uma longa estrada que não conhecemos nos detalhes, mas que sabemos que nos conduz adiante, no sentido de um grande reino de paz divina.

A ideia do modo prático de ensinar às crianças a grandiosidade do problema, veio da inspiração da gentil amiga Olga Lodi, a qual percebeu que uma menina de seis anos, muito inteligente, tinha uma grande paixão pelos relatos sobre o que acontece no amor das flores.

Dizia-me essa grande amiga “eu quero escrever um livro que substitua o livro de contos de fada, e ele deverá ser a exposição um tanto fantástica dos grandes fenômenos da natureza vegetal”.

De fato, a criança que ama o que é maravilhoso, sentirá o maravilhoso da natureza. O que significa a fada que vem com a varinha mágica e faz surgir um grande palácio

iluminado; o que é isso em relação ao grãozinho de ouro divino que gira em torno das asas do vento, que contém em si o carvalho, as palmáceas, o grão que nutre o homem, as flores com os mais maravilhosos perfumes e cores da terra?

Para essa varinha mágica do universo, para essa varinha divina, a criança deveria dirigir as suas fantasias, deliciando-se com a contemplação da vida que corre.

Apresentar o conto fantástico do amor das flores, como aquele, por exemplo, da planta aquática de Maeterlink, cuja flor feminina tem grandes pétalas brancas e se mantém na superfície das águas como se fosse uma bela adormecida envolta num véu, que se deita sobre o espelho das águas sob o beijo permanente do sol; e a florzinha que está no fundo da fonte, que aspira projetar-se e que nas gerações através dos séculos, aprendeu a valorizar e guardar como tesouro as bolinhas de ar e a fazer delas uma bola grande que a ajudará a dirigir-se através da superfície; e se levantará lentamente até beijar a bela mulher deitada ao sol, e depois disso, morrerá.

Ah, não morrerá, porque naquele beijo encontrou a eternidade.

Enquanto os grandes monumentos caem, enquanto a memória dos grandes desaparece nos séculos, aquela flor da fonte estará sempre lá, com a mulher deitada ao sol e com a pequena flor que aspira eternamente levantar-se.

No momento em que as crianças tivessem crescido um pouco, poder-se-ia passar-lhes noções de zoologia tomando em consideração, por exemplo, os insetos, que são indivíduos tão diferentes de nós ao ponto de serem insuspeitos, sob certos pontos de vista.

Existem estudos surpreendentes, nesse campo. Basta citar um recente trabalho que trata da psicologia de uma aranha.

Essa aranha cria com o seu trabalho uma pequena saca, onde depõe os ovos: depois, dentro dela, ela se fecha ali dentro, quase com um guardião direto do seu tesouro, da espécie, e fica ali dentro até mesmo depois que os pequenos nascem; e qualquer lesão que venha a acontecer, ela estará sempre alerta para repará-la.

Retirando a aranha dessa saca e colocando-a afastada por 20 dias, a aranha não cessa de agitar-se e de tentar fugir dali; e quando é levada para junto dela, nela se joga inteiramente!

Assim, um grande tempo de afastamento não basta para fazer perder a memória desta grande maternidade. E, se tirarmos a verdadeira mãe de dentro daquela saca e se colocarmos outra no lugar, esta transformar-se-á numa mãe adotiva que se afeiçoa completamente, ao ponto de lutar com todas as forças contra qualquer ataque que venha a acontecer.

Mas, com a aproximação da verdadeira mãe, a aranha foge assustada, como se tivesse à sua frente uma força invencível, e a verdadeira mãe, desse modo, entra tranquilamente na saca.

Mas, se depois e de modo cruel, essa saca é aberta e dilacerada, aquela mãe, como que fulminada por um raio, morre junto com a destruição da sua espécie.

O que é, então, essa apaixonada maternidade? Onde está? A pequena aranha não tem carne, não tem sangue, não tem coração, não tem cérebro: tem apenas dois milímetros cúbicos de uma substância mole e escura.

O amor materno não está no coração da mãe: o amor materno é algo maior ainda, a mãe é aquela criatura que encarna essa coisa tão grande que é a maternidade; é a forma que assume a vida para proteger e conservar a si mesma, coisa grandiosa acima das criaturas, que parece tocar a sua origem na sua própria eternidade.

”Não havia ainda os abismos e eu já tinha sido concebida”. (Livro da Sabedoria - Prov. 8).

Poderia também ser ensinado às crianças algumas noções sobre a teoria da evolução, que teve algumas mudanças na sua interpretação primitiva, no tocante à luta e à vitória da espécie.

Hoje não se consideram mais vitoriosos os animais que têm grandes defesas, os que fornecem os casacos de pele e pelos, ou as robustas presas dos elefantes.

Porque esses animais, antes de se tornarem tão fortes e robustos, foram, no início, uma célula microscópica e depois foram frágeis animais infantis: e durante esse tempo não tinham armas, e teriam sido condenados a desaparecer se não lhes fosse defendida a maternidade.

Por último, a Antropologia poderia ser ensinada aos adolescentes.

O próprio fato que o pecado sexual possa nos levar a sermos infelizes pais de infelizes criaturas, basta por si só para dar uma nova consciência da reponsabilidade para com a espécie.

Mas é também educativo fazer contemplar o desenvolvimento do ser humano; fazê-lo contemplar a todos como uma coisa grandiosa na cultura intelectual à qual todas as pessoas têm direito.

SANTA MISSA EXPLICADA ÀS CRIANÇAS

A educação religiosa das crianças deu um grande passo adiante quando foi ligada à Liturgia e se procurou explicar às crianças o modo de seguir inteligentemente o rito.

Desde então o Missal das crianças e o modo para ensiná-los a participar da Missa se transformaram na educação religiosa deles igualmente ao ensino do Catecismo, que era a única instrução que eles recebiam antes da grande reforma do Papa Pio X.

Ao realizar porém esse progresso seguiram-se infelizmente métodos antiquados de educação, permanecendo imutáveis a velha incompreensão que os adultos sempre tiveram do caráter das crianças.

Continua-se a considerar necessária a intervenção contínua e direta do adulto sobre a criança para impedi-la de praticar o mal; os orientadores supõem que a criança seja incapaz de praticar o bem sem as exortações ou os exemplos deles.

Pensavam assim também as pessoas no tempo de Cristo: as crianças que corriam para o Divino Mestre eram

afastadas pelos grandes, de modo que Nosso Senhor precisou chamar a atenção: “Deixai vir a mim as crianças”.

Ao contrário , esse incidente suscitou Nele um alerta de severidade e Ele aproveitou a oportunidade para uma das suas revelações divinas: “Eu vos digo que, se não vos convertereis e vos transformareis iguais às crianças, não tereis acesso ao reino dos céus”.

Jesus, desde dois mil anos passados, sentia nas crianças algo que os adultos não percebiam e não percebem até hoje; e o Evangelho diz claramente que muitos mistérios serão revelados aos pequeninos.

Os ensinamentos de Jesus para as crianças vai ao ponto central da educação delas; elas têm uma personalidade diferente da nossa, e eles têm muito fortes os impulsos espirituais que ficaram atrofiados nos adultos.

Devemos sempre nos lembrarmos disso se quisermos estar preparados não somente para passar às crianças os ensinamentos mais nobres, mas para dar-lhes na maneira mais digna.

Devemos ajudar as crianças ensinando-lhes o que devem saber sobre a religião; mas devemos também lembrar que eles podem ajudar-nos, por sua vez, o caminho para chegarmos ao reino dos céus.

Profundamente inserido no nosso pensamento cristão deve estar um grande respeito pela individualidade das

crianças; e o esforço pessoal de aperfeiçoamento de cada orientador de religião deve tender a por em pratica esse pensamento.

Podemos esperar muito da espiritualidade das crianças.

É bom lembrar as palavras com as quais o Papa Bento XV começava uma bula, exposta durante a Primeira Guerra Mundial em todas as Igrejas: “Eu peço às queridas crianças que tudo podem, de estender por mim suas mãos para o Altar“.

O que mais importa para a educação litúrgica dos jovens não é de instruí-los naquilo que devem saber, mas de erguer-nos nós mesmos a uma mais refinada sensibilidade que nos torne capazes desse ensinamento.

E temos que confessar que o fazemos com todo um outro espírito que não aquele que deveríamos ter.

É muito comum ouvir na Igreja alguém chamando a atenção de crianças com modos duros e até mesmo injuriosos.

É comum ver orientadores laicos conduzirem filas de crianças nas Igrejas, bradando ordens secas como se fossem Chefes de patrulhas: “Ajoelhem-se! Não, não é assim, todos juntos!”; e conduzi-los pelas costas colocando-os nos bancos, como se fossem tantas frutas numa cesta.

Outro erro evidente é aquele de ensinar algo durante a Missa. Como acontece frequentemente hoje de encontrar dentro das Igrejas pessoas que assumiram o dever de dirigir e instruir grupos de crianças durante a Missa; e dentre eles

alguns adolescentes que já se encontram em séries mais adiantadas e que já estudam álgebra e os Cantos de Dante Alighieri.

Até mesmo na hora da Consagração, naqueles momentos de silêncio e de recolhimento, ouve-se claramente a voz do zeloso orientador - uma voz normalmente sem harmonia e sem expressão – que se ouve dando explicações como se cumprisse um árido dever.

Acabada a lição, segue-se um seco “ Sentem-se!” que comanda aqueles jovens corpos; e assim, com as melhores intenções do mundo, cada impulso espiritual é sufocado naqueles jovens.

Um erro quase similar encontra-se em muitos livros especialmente dedicados às crianças: livros sobrecarregados de instruções no texto e nas ilustrações, que tomam toda a atenção da criança e absorvem toda a sua energia.

O leitor desses livrinhos deve estar atento às figuras que mostram as posições do Padre: à direita do Altar, ou de frente para o Altar, ou de frente para todos, e assim por diante; e o jovem deve encontrar as palavras do texto que correspondem àquelas posições.

E mais: muitos daqueles livrinhos apresentam figuras que ilustram o significado simbólico das várias ações que fazem parte do rito: este representa o nascimento de Jesus, este os

seus ensinamentos, este a sua morte e sepultamento, e assim por diante.

Ora nós sabemos por experiência própria, como é difícil seguir a Missa com fé, mesmo depois de tantos anos, quando quase sabemos de memória tudo o que temos que responder.

Como é possível, portanto, segui-la e instruir-se sobre ela ao mesmo tempo?

Não seria finalidade da Missa fazer-nos participar de seus mistérios abandonando a alma a Deus naquele recolhimento que só se alcança quando liberamos nossa mente das distrações externas?

Era essa a verdadeira razão pela qual, nas Igrejas primitivas, os catecúmenos praticavam o princípio da Missa dos fiéis.

Não se chegava a essa parte da Missa com a finalidade de instruir, que é coisa exterior: chegava-se a ela para unir-se a Jesus Cristo na mais íntima oferta da alma.

A instrução e a participação ao mistério eram consideradas como coisas diferentes e eram separadas.

A primeira divisão da Missa em duas partes foi exatamente essa: Missa dos Catecúmenos e Missa dos Fiéis; e isso deve ter um grande significado para nós.

Não é necessário que a criança saiba muitas coisas para acompanhar a Missa; mas é essencial que ela seja espiritualmente livre se queremos que ela a siga.

Em resumo, uma coisa é ensinar a Missa, outra é participar dela.

O livro de orações da criança deveria ser como o nosso Missal, isto é, uma cópia fiel do texto litúrgico; e a instrução deveria ser dada na escola ou em casa, ou de outro modo mas não durante o desenrolar do rito sagrado.

A maior parte daqueles que atualmente lutam para elevar a cultura religiosa das crianças concordam com isto: que o Missal das crianças deve ser uma cópia do texto litúrgico.

Mas esse texto deve ser adaptado, de modo que fique fácil para uma criança; e é aqui que o novo Missal ainda apresenta um problema.

O texto não deve ser alterado, mas pode muito bem ser adaptado na sua apresentação, na sua explicação, chamando a atenção de modo especial a atividade pessoal da criança; porque está provado que as crianças dão o melhor de si quando chamadas a cooperar ativamente.

Não é, todavia, este o lugar adequado para mim para explicar o que deveria ser um Missal para as crianças. É um assunto muito vasto que eu o tratei noutro livro escrito especialmente sobre a Missa para as crianças.

A OBRA DA NATUREZA

Em toda a obra da natureza ficou evidente uma unidade de método: ela obedece a um planejamento, que é o mesmo para o átomo como para o planeta.

Em 1924 o embriologista Childe revelou a existência de certos pontos de atividade febril denominados "gradientes fisiológicos", que não partem todos juntos ou com a mesma intensidade, mas cada um no seu particular momento, seguindo um curso independente.

No início, as células dessa unidade eram exatamente como as outras, mas graças à própria atividade, elas se diferenciaram e se especializaram para a formação de um órgão; por último vieram os sistemas circulatório e o nervoso que conectaram cada órgão a todos os outros, esses também criados de modo independente, mas para uma finalidade funcional diferente.

Estabeleceu-se que os princípios fundamentais no plano da natureza são estes:

- 1) a liberdade e independência dos órgãos no próprio desenvolvimento;

- 2) o desenvolvimento deles através da especialização das células;
- 3) a unificação dos órgãos através do sistema circulatório;
- 4) a organização das comunicações do centro para a periferia através do sistema nervoso.

O sangue também é composto por células, mas a sua substância é constituída por resíduos das células do organismo ou pelas matérias primas tomadas do ambiente externo.

Os hormônios são produzidos pelas glândulas endócrinas e jogados na corrente sanguínea; são necessários para estimular o crescimento dos órgãos, os quais resultam diminuídos se estes resultam produzidos em quantidade insuficiente.

A glândula tiroide (ou tireoide) produz um tipo de hormônio, o fígado produz outro. As células do sangue, ditas glóbulos vermelhos, não são outra coisa senão “os animais de transporte” que levam o oxigênio do ar e dos alimentos necessários para a nutrição de todas as partes do corpo.

Esse é o mecanismo necessário para providenciar as necessidades físicas mais elementares, mas se devem considerar as exigências superiores, a preparação para o comportamento na vida. No interesse dessas exigências, as

células se sacrificam no modo mais completo, transformando-se de acordo com a função para a qual deverão servir.

Nos estágios superiores não existe apenas uma adaptação à atividade a ser cumprida, mas um impulso absoluto ao cumprimento do mesmo: só assim se obtém a especialização.

Ao final, o controle do sistema nervoso dá sensibilidade e animação a tudo. Inumeráveis filamentos que partem do cérebro conectam o organismo com a *Psichê*. Mas um organismo não é simplesmente um conjunto de órgãos.

As células nervosas se especializam refinando-se, e não é possível pensar que uma delas possa assumir, por si mesma, a tarefa de transformar o amido em açúcar ou de combater micróbio.

Elas se prendem numa caixa fechada, que é o crânio, e não é por meio de eleições gerais que obtêm seu lugar no organismo de governo.

O embrião pode ensinar-nos quão absurdo possa ser o mecanismo da nossa sociedade, onde um grupo pretende dominar o outro apenas com a sua autoridade, sem que haja um acordo. A natureza é a mestra da vida – aprendamos a seguir os seus métodos!

O breve sumário da história da civilização humana que temos traçado tem a finalidade de mostrar-nos esse trabalho

fundamental, porque a humanidade, inclusive, é uma unidade orgânica que ainda está nascendo.

Assim como os órgãos, os diversos centros de civilização foram feitos para crescerem e para que se reforçassem isoladamente, depois disso foram colocados em contato de modo a que se fundissem em organizações mais vastas, ou, no caso de não sobreviverem, cedessem o que tinham de mais precioso aos vencedores antes de serem destruídos.

Mas era necessário que a crueldade e a utilização abusiva, as guerras e todas as formas de violência tivessem também o seu papel, para que os homens ainda não tenham percebido sua própria humanidade e a obra que juntos devem cumprir para a realização de um destino cósmico.

As forças que sacodem o mundo requerem, com urgência, que prestemos atenção na unidade da humanidade; acabou o tempo em que um grupo racial qualquer ou um determinado país podia ser chamado “civilizado”, deixando os outros na escravidão e na barbárie.

O persistir dessa ideias desgastadas só pode levar a outras guerras e à autodestruição.

E como é possível obter uma mudança geral de mentalidade senão através da obra do professor, que atue não como um tirano ou um missionário, mas como um guia essencial das novas gerações?

O professor moderno deve ser um estudioso entusiasta de biologia e da psicologia da criança nas diferentes fases de seu crescimento, tanto quanto naquela do homem.

A “escola” deve ser algo mais que um lugar onde se instrui, onde apenas uma pessoa ensina a muitas outras, com o sofrimento de ambas as partes – um esforço que obtém pouco resultado.

Em todos os países está sendo introduzida a frequência obrigatória da escola.

Portanto, no campo da instrução obrigatória, acontece uma mobilização que se pode comparar àquela de um país que corre um perigo iminente. Não se trata porém de uma mobilização nacional, mas de algo bem maior, de uma mobilização universal, e para a vida, não para a morte!

Aos professores estão sendo entregues poderes enormes, dos quais eles não podem se eximir.

E porque a saúde física deveria ser a primeira coisa a ser levada em consideração, vemos, assim, quais reformas são necessárias nesse campo, para que os professores possam assumir as próprias e sagradas responsabilidades.

É necessário que nas escolas se observem o crescimento e os desvios de cada criança, e também de cada descumprimento das normas.

O crescimento não é apenas um aumento harmonioso de volume, mas uma transformação.

O ser humano é o escultor de si mesmo, movido por uma misteriosa força interior para alcançar uma forma ideal. O crescimento pode ser definido como uma busca da perfeição sob um impulso vital.

É essencial que a civilização produza belas crianças.

Houve um tempo em que se dizia que “a beleza é uma coisa superficial” e se desestimulavam as crianças do hábito de olharem-se ao espelho, que era considerado como um sinal de vaidade pecaminosa.

Mas nós declaramos que a escola deveria ser vista como uma instituição que ajude a beleza porque esta é um indicador de condições de vida sadia.

Boas condições de vida produzem a beleza, sob dois aspectos: o primeiro é hereditário, e o segundo é produto do ambiente.

A taxa de mortalidade no primeiro ano de vida das crianças é enorme, constituindo-se um fato absolutamente fora do normal, devido a ignorância e as más condições sociais, não desejadas por Deus!

Esse percentual diminui gradativamente até os seis anos de idade, alcançando um nível estável a partir dos seis anos até os doze anos de idade.

Essas mortes precoces e anormais constituem verdadeiros homicídios, mortes não naturais das quais temos

todos a responsabilidade que nos cabe, e pelas quais devemos nos reconhecer como criminosos.

Após os doze anos a taxa de mortalidade aumenta ainda até os dezoito anos; é outro período perigoso ao qual se acrescentam transformações profundas, e a vida não estará garantida senão após atingir os dezoito anos de idade.

Reconheçam o adulto vitorioso, entre os vinte e quatro anos e os trinta e seis anos de idade, quando está pronto para a reprodução da vida, e não devem pagar o seu tributo para morte!

Na realidade, o período da reprodução vai dos dezoito aos quarenta e dois anos, mas os limites mais restritos indicados para a idade dos pais são aqueles que produzem os indivíduos mais fortes, os quais vivem até a velhice e ficam famosos.

Os filhos de pais muito jovens ou muito velhos frequentemente têm alguma coisa de anormal, são fracos ou maus, diferentes todavia das crianças sadias e felizes.

Essas estatísticas se referem à mortalidade e se poderia observar que a escola não se ocupa dos mortos. Mas cada morte é só uma catástrofe no meio de incidentes menores.

A doença nem sempre leva rapidamente ao óbito, tampouco a alta mortalidade entre crianças doentes abaixo dos seis anos de idade.

Para cada criança que morre deve haver, pelo menos, cem outras crianças doentes, em parte portadoras de *handicap*.

Nós ficamos doentes quando a resistência dos órgãos cai, ou através de alguém que é vítima da doença muitos outros estão no limite de adoecer também.

Assim, um grande número das crianças das nossas escolas, abaixo de seis anos de idade ou que ainda não completaram doze ou dezoito anos de idade, são fracas e pouco resistentes às doenças.

Esse fato deveria ser muito considerado por parte dos educadores.

É um erro esperar que no período da puberdade um jovem possa trabalhar muito e alcançar um progresso linear.

Nesse período deveria ser praticada a compreensão para com aqueles que não conseguem acompanhar o progresso dos outros.

A vida de um ser humano é um todo único no seu cumprimento, é como uma corda reta: tocando num ponto, ela vibra por inteiro.

Desse modo, a vida de uma pessoa adulta pode se ressentir das consequências de algum fato aparentemente banal que possa ter acontecido na infância, e que existam episódios desfavoráveis nesses períodos de fragilidade, os

quais fazem com que a responsabilidade do professor para com a humanidade seja realmente grande.

Nos últimos anos a Antropologia Pedagógica alcançou grandes progressos na Europa e na América. Na Itália, as pesquisas efetuadas com os detentos, evidenciaram que muitos deles eram portadores de má formação física.

A pessoa feia é, por acaso, uma criminosa? Raramente um homicida ou um ladrão é diferente de outras crianças no momento do seu nascimento, porém as más condições nas quais ele cresce o impedem de adaptar-se às leis do seu país.

As condições sociais atuam sobre o físico e sobre a moral e ele torna-se anormal.

Normalmente o criminoso reflete os erros da sociedade. É uma raridade que os criminosos sejam tais desde o nascimento; será muito fácil portanto apagar do mundo a criminalidade, se nós a compreendermos e nos esforçarmos o necessário para eliminá-la.

O aspecto físico é o que se torna saliente no complexo de circunstâncias que produzem o criminoso.

Notou-se também que o maior número de má formações encontram-se entre os loucos que raramente herdaram sua loucura.

Atualmente existem milhões de loucos e esse número está aumentando, mas

foi provado que a loucura não é hereditária; ela diminuirá portanto se a criança for estudada cientificamente e for curada no modo adequado.

A Tuberculose é um terrível flagelo, bem como o Raquitismo, as doenças cardíacas e muitas outras deformações físicas, que já foram erroneamente consideradas doenças hereditárias.

O tórax do paciente de Tuberculose não é normal, é estreito, mas isso poderia ter sido corrigido na infância por meio de exercícios adequados.

Hoje, o estudo da bacteriologia diminuiu a quantidade de doenças infecciosas; é pois chegada a hora do crescimento científico da criança visto como um ato de profilaxia social, sem o qual não faz sentido julgar as coisas do ponto de vista moral.

Algumas más formações físicas foram encontradas em todas as categorias sociais, ricos e pobres, e é muito engraçado que as escolas sejam consideradas responsáveis por algumas delas.

Algumas vezes, porém, os tratamentos que foram adotados foram piores do que a própria doença; era como se começassem a endireitar a coluna das crianças pendurando-as com pesos nos pés durante o período de repouso, enquanto a maior parte do tempo elas eram obrigadas a estarem sentadas com a coluna dobrada sobre o banco escolar!

Do mesmo modo, no fim do século passado, descobriu-se que era danoso para as crianças mantê-las sentadas em ambientes pouco iluminados, e que isso que provocava a miopia; e o remédio foi o de levar as crianças de oito anos de idade a usarem óculos [...].

Que história terrível foi a dessa criança! Hoje podemos achar graça desses remédios, mas pelo menos começaram a abrir as janelas e a deixar entrar mais ar no ambiente, e porque se pensava que o melhor remédio para a escoliose fosse aquele de inserir intervalos nas horas de estudos para que corrigissem a postura, afirmou-se o principio de conceder aos estudantes frequentes períodos de repouso.

E porque ainda não tinha sido contemplada qualquer possibilidade de oferecer uma educação feliz às crianças, muitas delas tiveram ainda que ser sacrificadas pela civilização; tudo o que se pôde conseguir então foi chegar a um compromisso, reduzindo ao mínimo as horas dedicadas à instrução, retirando do programa de ensino a gramática, a geometria e a álgebra, tornando obrigatória as brincadeiras ao ar livre e retardando o inicio da idade escolar.

Porém, por mais que tenham sido aumentados os períodos de liberdade e as crianças tenham sido levadas a brincar ao invés de estudar, elas continuaram a ser mentalmente sobrecarregadas.

As Escolas Montessori têm demonstrado que a criança precisa de um ciclo de trabalho para o qual tenha sido preparado mentalmente.

Um estudo inteligente que o interessa não é cansativo, e, muito pelo contrário, a criança se ressentida se é constrangida arbitrariamente a interrompê-lo para brincar: a motivação não nasce imediatamente e se, quando ela é provocada, o estudo é interrompido, surte o efeito igual ao de provocar o apetite e depois retirar a comida que o teria saciado.

Com muitos experimentos conseguimos eliminar tantos erros e encontrar a chave que pode abrir às crianças as portas de uma educação sadia e feliz.

O futuro da humanidade depende da nossa coragem e da nossa perseverança no uso dela.

O RITMO

Se nos foi possível reconstruir com a imaginação o passado do nosso planeta e dos seus habitantes, isso se deve às descobertas dos homens geniais.

Essas descobertas, porém, são o fruto da inteligência, sem outras ajudas, senão da inteligência apoiada pela ciência organizada.

O homem culto de hoje é superior ao homem natural porque é dotado de instrumentos de uma potência bem maior daquelas encontradas na natureza.

Dispõe do telescópio e do microscópio, que estendem a sua capacidade de ver, e se vale dos resultados das pesquisas de matemáticos, físicos, químicos, que os acumulou investigando os segredos da natureza com os poderes mágicos da inteligência humana.

O homem se revela, assim, em toda a sua grandeza, acima daquela dos animais e das plantas, criador e transformador, explorador de tudo quanto a terra e o universo que o circunda, capaz até mesmo de retomar no tempo e de indagar sobre tudo o que, faz tempo, deixou de existir.

Tudo aquilo que é objeto do nosso interesse e do nosso estudo nos conecta aos milhões de homens que trabalharam e se empenharam, frequentemente sofrendo a fome para superar os obstáculos que impediam essa compreensão e para nos transmitir o conhecimento sem que nós tivéssemos, por outro lado, aqueles mesmos obstáculos.

Cada coisa é o produto do espírito humano e nós encarnamos na educação esses frutos, este tesouro e riquezas que nos foram transmitidas pelo homem.

É, portanto, nosso dever admirar – e fazer admirar pelas crianças – todos os pioneiros conhecidos e desconhecidos, animados pela chama que iluminou a estrada para a humanidade.

A maior parte das pessoas tem receio de interessar-se por coisas novas; até mesmo os estudiosos procedem com lentidão no mundo do pensamento, considerando com hostilidade cada ideia nova que ameace a certeza alcançada.

Seja mental ou fisicamente, os homens são preguiçosos, desejosos apenas de gozar a vida.

Por isso mesmo, devemos admirar aqueles que são movidos por uma força interior a fazer, ao ponto de colocar em perigo a saúde, a felicidade e a própria vida.

Os gregos, mais de dois mil anos passados, tinham já alcançado grandes coisas na arte e na literatura e eram muito cultos para os seus tempos.

Um grego, um poeta pensou em não poder aceitar como verdadeiras todas as coisas que habitantes das regiões setentrionais que dormiam seis meses por ano, ou sobre aqueles das regiões meridionais, descritos como todos calvos.

Decidiu, então, viajar e de ir pessoalmente constatar a veracidade dessas histórias.

Os seus amigos o preveniram sobre os perigos que poderiam encontrar; havia gigantes que comiam os homens, bruxas, mares desconhecidos, todas as insídias da natureza.

Mas ele não se deixou intimidar, tinha que viajar para que sua vida tivesse um sentido.

Partiu numa pequena embarcação, que avançava lentamente com os remos e as velas, e os seus amigos pensaram que não o veriam nunca mais.

Mas após dezessete anos ele retornou e todos o procuraram ansiosos para interrogá-lo. Ele tinha visto o ciclope, um gigante com um só olho no meio da frente, ou o homem que dormia por seis meses consecutivos?

O que ele sabia a respeito dos centauros e das sereias?

O homem respondeu que não tinha visto essas coisas, mas outras ainda mais maravilhosas, homens mais ou menos como ele em todos os países, que comiam e dormiam e se vestiam de modo muito parecido com o seu; ele viu a Babilônia, uma cidade maravilhosa com casas de três andares e jardins suspensos, mulheres perfumadas e sábios filósofos;

a Pérsia, onde se adorava um só deus ao invés de muitos, gente que se beijava quando se encontrava pelas ruas e que ensinava as crianças a ler, atira com a arco e a dizer sempre a verdade.

O viajante, que se chamava Heródoto, escreveu todas essas coisas e muitas outras num livro, para que pudesse ler para seus amigos; hoje ele é conhecido como “o pai da história”, porque o seu foi o primeiro livro desse gênero.

Alexandre o Grande, outro grego, foi também um grande viajante, fundou a cidade de Alexandria do Egito e muitas outras cidades que receberam o seu nome.

Alexandria tornou-se a sede de uma grande Universidade e o seu Reitor foi um grande descobridor, mesmo que de outro gênero.

Ele, de fato, queria explorar com a inteligência, queria levar uma nova luz sobre a matemática e a astronomia.

Observando a sombra projetada pela terra sobre a lua durante o eclipse, descobriu que a terra era uma esfera: dividiu o círculo em 360 partes e calculou as dimensões do nosso planeta.

Descobriu, de fato, que quando o sol estava a pico sobre Assuan, no mesmo meridiano de Alexandria, formava com o zenit um ângulo de sete graus: conhecendo a distância entre Assuan e Alexandria, que medía cinco mil pés, e fazendo as proporções, pôde calcular a circunferência da terra.

Esse grego chamava-se Eratóstenes e viveu nos anos 200 a.C. Nesse mesmo tempo, um egípcio de nome Ptolomeu, fez um mapa geográfico de todo o mundo conhecido, no qual estavam representadas uma grande parte da Ásia e da África além dos países mediterrâneos da Europa.

Também hoje temos entre nós grandes descobridores. São passados vinte e cinco anos que o presidente do Museu de História Natural de Nova York se convenceu que a exploração do deserto de Gobi, na Ásia Central, teria podido levar à descoberta preciosos fósseis dos antigos monstros.

Todos riram dele e disseram que seria um desperdício de dinheiro e de energias, mas ele não cedeu e organizou uma expedição. A direção dessa expedição foi assumida por Mr. Anderson, curador do museu, que anteriormente havia dirigido uma expedição pelos mares do Ártico para estudar *in loco* a vida das baleias, e era um apaixonado dessas expedições de pioneiros.

Ele foi acompanhado por dez homens que acreditavam nele e no sucesso dessa empreitada.

Chegaram a Pequim, onde compraram três automóveis; e ali também foram convidados a desistir da expedição, devido ao perigo das terríveis tempestades do deserto, do calor excessivo durante o dia e o frio da noite, da distância que dificultava o acesso em caso de urgência.

Como era possível, ademais, que ali existissem restos de répteis num altiplano tão elevado e longe do mar?

Mas eles foram adiante, armados de fuzis, unindo-se, num primeiro momento, a outras caravanas, mas logo foram abandonados à própria sorte quando avançaram em direção a pavorosas zonas inexploradas do interior.

Ninguém acreditava que esses loucos poderiam sobreviver e voltar. Perseverando entre dificuldades intraduzíveis, eles começaram a cavar na areia, num deserto desolado e de uma grande extensão, e de uma monotonia que parecia não ter fim.

De repente, encontraram finalmente o primeiro fragmento de osso: começaram a dançar ao redor dele, com muita alegria, porque aquela era a prova da certeza deles.

E antes de voltar, teriam encontrado outras provas, numa região onde teriam vivido dinossauros que ali teriam morrido a centenas!

Um outro grande problema foi resolvido com a descoberta de um grande número de ovos, que demonstravam que, de alguma forma, esses répteis se reproduziam.

Durante as escavações eles encontraram ossos enormes, parecidos com colunas, que deviam ter pertencido a algum mamífero monstruoso; depois foram encontrados outros ossos, evidentemente do mesmo animal, e enfim as

pernas em postura ereta, como que a demonstrar que o animal tinha morrido engolido pela areia movediça.

Tinham, assim, uma abundante riqueza, para reportar a Nova York, e podiam se considerar bem satisfeitos, mesmo sem obter alguma compensação material.

Mas tinham obtido uma grande vitória moral e contribuído para a soma dos conhecimentos humanos.

Mesmo assim, eram muitos os que os julgavam como se fossem loucos que tinham ido fazer escavações num deserto e se alegravam por ter encontrado velhos ossos!

Nós não cultivamos admiração por esses exploradores e pesquisadores do passado e do presente para conceder-lhes a nossa gratidão: eles estão muito acima de nós.

Mas queremos ajudar a criança a perceber o grande papel desenvolvido pela humanidade e daquele que ainda será, posto que entendê-lo eleva o espírito e nos torna mais conscientes.

A história deve ser viva e dinâmica, deve suscitar entusiasmo e destruir toda forma de egocentrismo intelectual, de preguiça e de egoísmo.

Durante dois mil anos nos ensinaram: "Ama o próximo como a ti mesmo", todavia não fizemos o mínimo progresso nesse caminho pois limitar-se a proclamar de nada serve.

Os pensamentos nobres e elevados são normalmente ensinados por meio da arte e da literatura, expressões de alma

humana que são inatingíveis e quase incompreensíveis para a mente da criança.

Mas a história das conquistas humanas é qualquer coisa de real, um testemunho vivo da grandeza humana; e é fácil levar a criança a comover-se diante da ideia que milhões de pessoas como elas lutam física e moralmente para resolver os problemas da vida e que todos dão a sua própria contribuição, mesmo que, ao final, possa acontecer que a solução seja encontrada por uma só pessoa.

No campo do pensamento, como nas eras geológicas, se deve preparar o ambiente antes que a mudança aconteça.

Quando a necessária preparação do ambiente intelectual foi completada, nessa atmosfera mental favorável pode-se ter descobertas produzidas pela organização de muitas inteligências.

O ponto de cristalização de centenas de inteligências acontece na pessoa de um só indivíduo, o qual expressa algo extremamente útil e cumpre uma nova descoberta.

Ressalvando o que acontece na poesia, os pioneiros servem-se da ajuda daqueles que o precederam: o presente rege-se sobre o passado, como uma casa sobre as suas fundações.

O homem foi muito mais adiante da natureza na obra da criação, mas não poderia fazê-lo se não tivesse aceito e sentido um Deus que não tem mãos nem pés, e mesmo assim

caminha de um lado para o outro do universo, o universo que Ele criou e que continua a forjar, servindo-se do ser humano e de outros agentes.

Para fazer o que deseja, o ser humano não é mais limitado ao uso das suas mãos, porque tem as máquinas a seu serviço.

Projeta-se, portanto, de modo avantajado em relação à natureza.

Sua vida é maior, mais grandiosa de quanto nunca foi antes, e as crianças devem estar preparadas para isso.

O princípio fundamental da educação é a correlação entre todas as matérias que encontram o seu centro no plano cósmico.

REFERÊNCIAS

CHANEL, Emile. **Grandes temas da pedagogia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Francisco alves, 1977.

LILIARD, Paula Polk. **Método montessori**: uma introdução para pais e professores. Barueri: Manole, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez, 2021.

MONTESSORI, Maria. **El método de la pedagogia científica**: aplicado a la educación de la infancia en la “case del bambini” (cas de los niños). 3. ed. Traducción: Castellana de Juan Palau Vera. Barcelona, Araluce, 1937.

MONTESSORI, Maria. **Mente/absorvente**. Rio de Janeiro: Purtugália, 195-.

MONTESSORI, Maria. **Leducatio religieuse**: la vie en jesus-christ. Tradução: Par Georgette J.; Bernard Et Anne-J. 1. ed. Bruges: Desclée de Brouwer et cie, 1956.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. 1. ed. Lisboa: Portugália, 19--.

MONTESSORI, Maria. **L’esprit absorbant de l’enfant**. Tradução: J. J. Bernad.Desclée de Brouwer, 1959.

MONTESSORI, Maria. **Maria Montessori**: sua vida-obras e sua pedagogia. 1. ed. Recife: Edu/unicap, 1974.

MARIA MONTESSORI:
COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO MORAL E FORMAÇÃO INTELECTUAL DA CRIANÇA

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangan, 2010. (Coleção educadores MEC).

ROSA, Maria da Glória de. **A história através dos terxtos**. 3. ed. São Paulo: cultrix, 1974.

ORGANIZADORES

DIMITRJ ZEN

Estudou Filosofia em Padova e tem Mestrado em Filosofia pela Universidade de Roma, La Sapienza.

Participou de uma missão militar pela ONU na África Oriental, Moçambique e Zimbábue (1994) e colaborou no programa de estudos etnolinguísticos em Luanda-Angola (2006).

Foi professor nos cursos de pós-graduação em Semiótica na Universidade Anhembí-Morumbí de São Paulo (*Laureate International Universities*) e professor de Filosofia na Faculdade Paulista de Artes de São Paulo (2012-2017).

Autor dos livros: “Análise do Discurso das Biotecnologias” (Editora Annablume, São Paulo, 2012); “Ensaio de Comunicação Integrada (Hucitec, São Paulo, 2014) e “Cartas antes do Cárcere de Antonio Gramsci (Livro Rápido, Recife, 2017).

Atualmente é professor de língua italiana na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

E-mail: Dimitrizen@libero.it

ERMANO RODRIGUES DO NASCIMENTO

Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP – Recife/PE), Mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO – Portugal).

Professor do Curso de Filosofia (Licenciatura e Bacharelado) e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Filosofia (PPGFIL) da UNICAP.

Editor Científico da revista *Ágora Filosófica* do PPGFIL e membro do Comitê de Ética (CEP) da UNICAP.

E-mail: ermano.nascimento@unicap.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2064-6813>


Editora
UNIESMERO

ISBN 978-655492057-5



9 786554 920575



PPGFIL | 
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

